

VISÃO DO CORREIO

A arte que sobrevive ao RG do autor

Dois anonimatos artísticos famosos tratados de modo diferente nos últimos dias deixaram claro o choque que existe entre a curiosidade jornalística e o valor do mistério na criação. De um lado, a agência de notícias Reuters cravou a confirmação da verdadeira identidade do provocador artista urbano britânico Banksy. Embora o nome civil do muralista circulasse em fóruns e especulações há anos, o “furo” impõe agora a chancela incontestável do jornalismo tradicional. De outro, o lançamento, nesta quinta-feira, do aguardado documentário “A Febre Elena Ferrante” adota um caminho diametralmente oposto. A produção mergulha no estrondoso sucesso da escritora italiana sem, contudo, violar o pacto de anonimato que a autora da tetralogia napolitana mantém com seus leitores desde a sua estreia literária em 2011, com “A amiga genial”.

O contraste entre as duas abordagens levanta um debate ético espinhoso: até que ponto o interesse jornalístico justifica arrancar a máscara de quem escolheu não tê-la? A agência de notícias, ao justificar sua decisão editorial sobre Banksy, apega-se à premissa do interesse público e da responsabilização. O argumento sustenta que um indivíduo cuja obra movimenta dezenas de milhões de dólares no mercado de artes, interfere em leilões e influencia o debate político global não pode operar indefinidamente sob a conveniência das sombras.

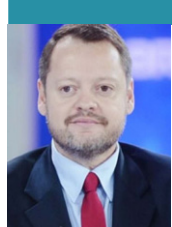
“As pessoas e instituições que buscam moldar o discurso social e político estão sujeitas a escrutínio, responsabilização e, às vezes, desmascaramento. O anonimato de Banksy — uma característica deliberada, voltada para o público e lucrativa de seu trabalho — permitiu que ele operasse sem tal transparência”, explicou a Reuters. É uma justificativa válida sob a ótica estrita da transparência comercial e do registro histórico.

Contudo, a cultura não é feita apenas de

cifões e certidões de nascimento. A postura adotada pelos realizadores de “A Febre Elena Ferrante” demonstra que é plenamente possível dissecar a magnitude de um fenômeno artístico respeitando a fronteira imposta por seu criador. Para Ferrante — como ela mesma declarou por escrito —, os livros, uma vez prontos, não precisam mais de seus autores. A ausência de um rosto obriga o público a mergulhar na essência do texto, livre das simpatias, antipatias ou preconceitos que a figura pública do escritor fatalmente evocaria.

Mas vivemos na era da superexposição e da transparência compulsória, em que o culto à personalidade de quem cria tornou-se quase um pré-requisito para o consumo daquilo que é criado. Nesse ecossistema de celebridades instantâneas, a escolha voluntária pelo anonimato firmou-se, ironicamente, como a mais ruidosa das rebeldias. Quando um artista decide apagar o próprio rosto para deixar apenas a sua obra sob os holofotes, ele desafia a lógica mercantil do espetáculo.

Em última análise, a ânsia por desvendar o RG de um gênio criativo reflete um fetiche limitador da nossa época. Descobrir o nome do homem que pintou meninas com balões e ratos anarquistas nos muros da Palestina não altera um milímetro a contundência da crítica estampada no concreto. Conhecer a verdadeira face da mulher que descreveu a complexa e crua amizade entre Lila e Lenu não muda a profundidade emocional daquelas páginas. O jornalismo, por ofício, sempre buscará a verdade dos fatos, e esse é o seu papel nas democracias. Porém, no terreno da criação artística, a sociedade precisa reaprender a aceitar que a única verdade que realmente importa, e que resistirá ao teste do tempo, é a obra em si e o impacto irremovível que ela causa em nossa sociedade — e não quem estava por trás dela.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Sem terceira via

Em uma semana marcada pela desistência do governador do Paraná, Ratinho Jr., da corrida presidencial e da intensificação da disputa entre Eduardo Leite e Ronaldo Caiado por ser o nome de centro nas eleições de outubro, a mais recente pesquisa eleitoral, a AtlasIntel, nos traz um retrato nítido do que nos espera pela frente: um Brasil profundamente dividido, na continuidade de um processo que já se arrasta por ciclos eleitorais sucessivos. A polarização entre lulismo e bolsonarismo permanece como eixo estruturante da política nacional, com poucos sinais de arrefecimento.

Os números falam por si. A avaliação negativa (ruim/péssimo) do governo de Luiz Inácio Lula da Silva volta a se aproximar de 50%, atingindo 49,8%, em linha com o patamar observado no primeiro semestre do ano passado. Mais do que um dado isolado, trata-se de um indicativo de desgaste persistente, impulsionado agora com o aumento do preço dos combustíveis.

No campo eleitoral, a pesquisa traz um cenário interessante, com a repetição hipotética do embate de 2022. Nesse caso, Jair Bolsonaro aparece com 44,8%, contra 42,7% de Lula. A margem é estreita, mas suficiente para indicar que o eleitorado segue rigidamente dividido. A novidade, porém, surge na simulação de segundo turno com Flávio Bolsonaro, em que o senador ultrapassa Lula por uma diferença dentro da margem de erro: 47,6% a 46,6%. É a primeira vez que isso ocorre, sinalizando uma possível reorganização interna no campo da direita.

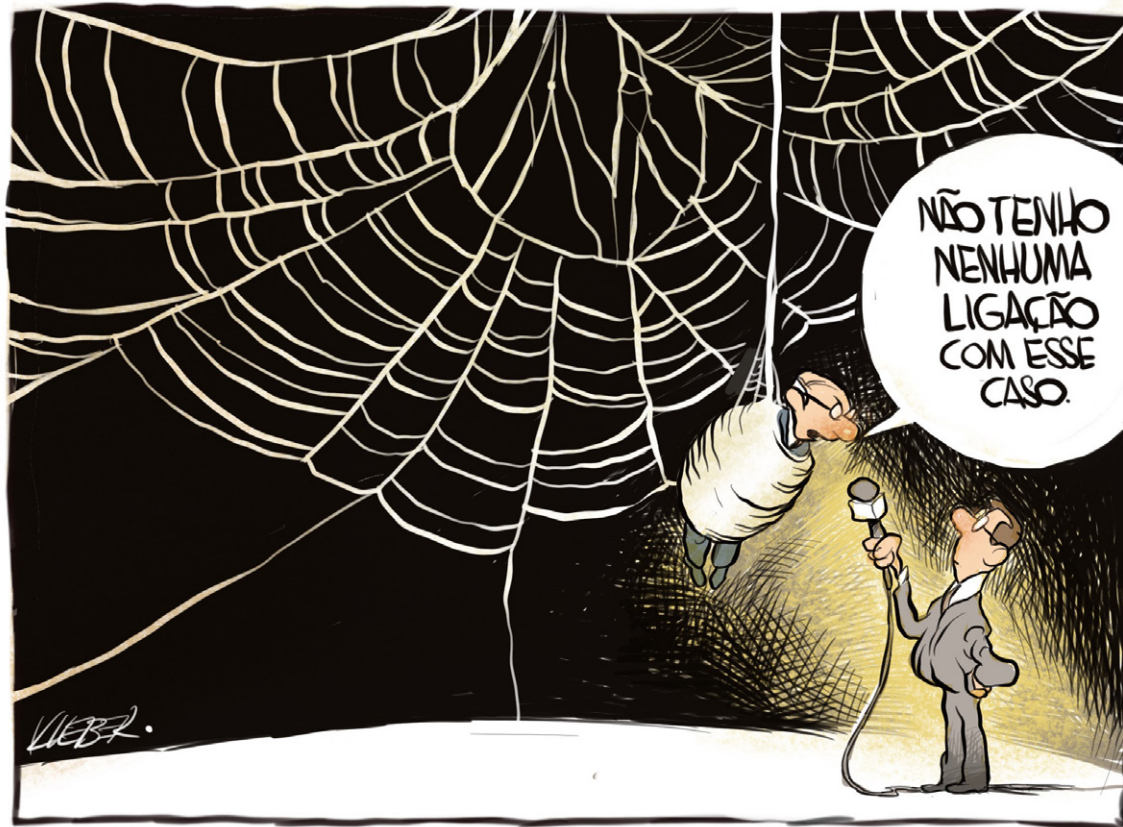
Tudo indica que a candidatura de Flávio se beneficia de dois fatores principais: a

manutenção de um “teto” robusto do bolsonarismo e uma sequência de eventos desfavoráveis ao governo federal, que vão desde crises de imagem até tentativas de associação a escândalos, como o caso Master e o INSS.

Ao mesmo tempo, chama a atenção o dado de que 47,4% dos entrevistados se dizem preocupados com a reeleição de Lula. Trata-se de um indicador relevante, pois revela não apenas intenção de voto, mas percepção de risco. Curiosamente, essa apreensão encontra paralelo no receio em relação à vitória de um candidato ligado ao bolsonarismo, o que reforça a ideia de um eleitorado dividido até mesmo em suas preocupações.

Ressalto, porém, que é preciso cautela na leitura desses números. A metodologia utilizada, baseada em recrutamento digital durante a navegação, é alvo de críticas entre analistas políticos. Embora o modelo busque reduzir o viés da interação presencial, ele levanta questionamentos sobre representatividade e controle da amostra. Nesse contexto, a comparação com levantamentos de institutos tradicionais, como Datafolha e Quaest, será fundamental para validar tendências.

O que já podemos cravar, no entanto, é que o Brasil caminha para mais uma eleição marcada pelo confronto direto entre dois campos bem definidos, com pouca margem para alternativas competitivas, a chamada terceira via. A persistência da polarização empobrece o debate público. Ideias novas não surgem, o que reduz a complexidade dos problemas nacionais a disputas binárias e dificulta a construção de uma coletividade.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Sensação de impotência

É impossível ver jovens apanhando dentro de uma escola e não sentir um desconforto interior. Eles queriam ser ouvidos, e receberam tapas, socos e medo de volta. A farda que deveria proteger virou a mão que agrediu com a certeza da impunidade. Já senti o peso dessa mão, em 1984, quando a PM cercou o restaurante da Universidade de Brasília (UnB). O que me doeu não foi o soco covarde pelas costas, mas a sensação de impotência, porque tudo aconteceu sem nenhum registro. E eu não pude fazer nada! Só calar e aceitar!

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Master deboche

Parece brincadeira, mas é verdade. Nesta segunda-feira, 23 de março, Vercaro — responsável pelo maior golpe financeiro da história — foi transferido de uma cela menor para uma sala luxuosa na Polícia Federal, conhecida como sala de Estado maior. Essa cela é destinada a autoridades e figuras públicas, e foi onde Jair Bolsonaro ficou. O local conta com cama, banheiro privativo, mesa, ar-condicionado, televisão e frigobar. Pergunta: qual a razão desse privilégio obscuro? O Brasil virou mesmo o país do master deboche.

» **Milton Cordova Junior**
Vicente Pires

Quem não está?

A imprensa tem publicado que já há uma lista de pelo menos 18 políticos indicados pelo futuro delator Daniel Vercaro. É pouco para um rol de relacionamentos dele com a Corte brasileira que abriga os Três Poderes da República — sem esquecer que pelo menos três ministros do Supremo Tribunal Federal já estão listados. A esperança viva é que o ministro do STF André Mendonça, a Polícia Federal e a Procuradoria-Geral da República consigam o nome de todos os envolvidos. Só assim o país conhecerá em toda a sua extensão aqueles que usaram o poder para permitir que o banqueiro do Master desse o golpe de R\$ 50 bilhões!

» **Mônica Barbosa**
Sobradinho

Vida real

Todos nós, em algum momento, já ouvimos que a internet é considerada intangível, abstrata. A ideia de que a internet é uma “vida à parte” ou uma “outra dimensão” é uma metáfora ultrapassada, que esvazia sua verdadeira natureza. Não há nada de abstrato ou paralelo nela. A internet é concreta: fios no fundo do mar, servidores consumindo energia, corpos conectados por telas. Cada interação on-line gera impactos reais no bolso, na psique, nas relações e na política. O que ocorre nela transborda para o mundo físico, com consequências tangíveis. Negar sua materialidade é ignorar que ela já não é um espaço que visitamos, mas o próprio solo onde a realidade se sustenta.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Estão fazendo pouco caso da classe trabalhadora. Só empurrando com a barriga, e nada de aprovar o fim dessa desumana escala 6 X 1. No dia de folga, a pessoa não descansa. E quanto tem para fazer tudo!

Nailson Rodrigues — Brasília

Os chineses trabalham 12 horas por dia, sete dias na semana e, devagar, vão ocupando o espaço do trabalhador brasileiro. Daqui a um tempo, veremos o resultado dessa extinção da escala 6 X 1. Não acho que será boa coisa.

Marco A. Silva — Brasília

Câmara dos Deputados aprova MP do reajuste das forças de segurança do DF: forças de segurança devem receber bem, mas não se esqueçam dos professores na outra ponta.

Renan Viegas — Brasília

Supremo forma maioria contra prorrogação da CPMI do INSS. Nesta eu vou ter que concordar com os ministros: a CPMI só queria fazer circo político.

Gilmar Silveira — Brasília

As cartas não mentem: daqui a 90 dias, ele vai passar mal novamente.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Festa maior

O papa Francisco mudou a tradição de séculos que permite apenas homens na cerimônia de lava-pés, realizada durante a quaresma. Agora, os padres podem escolher os participantes do rito “entre todos os membros do povo de Deus” — ou seja, mulheres também. Os católicos se encontram no período de preparação à celebração da Páscoa, que, neste ano, será em 5 de abril. A Páscoa celebra a ressurreição de Jesus Cristo e é a maior festa da cristandade. É a partir da Páscoa que todas as outras datas do calendário são estabelecidas. Os cristãos passaram a festejá-la no primeiro domingo depois da primeira lua cheia do outono (no Hemisfério Sul). A Páscoa é o símbolo da esperança de todo o cristão. Cristo é a nossa esperança viva. A Paixão de Cristo tem espetáculos pelo Brasil. Já em Brasília, a dica é o Morro da Capelinha, em Planaltina.

» **José Ribamar Pinheiro Filho**
Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
------------	---------	-----

DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00
-------	----------	----------

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991 58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D.A

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br